LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

REFORÇAR

Qual é a incidência das dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

Autoria: Alexandra Reis / Luís Faísca / Tânia Fernandes

Edição: Andreia Lobo

Cerca de 20% dos estudantes portugueses têm dificuldades no domínio da leitura, percentagem que se mantém relativamente constante ao longo do ensino básico. Estas dificuldades parecem não estar exclusivamente relacionadas com a complexidade do código ortográfico do Português Europeu. Refletem o efeito de muitos outros fatores, entre os quais o meio socioeconómico e a qualidade da instrução.

A leitura é uma atividade complexa que envolve vários processos mentais além dos que lhe são específicos. Para ser eficaz são necessários processos de análise visual, de atenção e memória, de decodificação da palavra escrita em palavra falada, de extração do significado e sua ligação ao conhecimento prévio, bem como competências gerais de linguagem oral. Tal como a leitura, também a escrita é uma atividade complexa; ambas envolvem vários sistemas cognitivos.

Ao contrário da linguagem oral, leitura e escrita não são atividades espontâneas e inerentes ao ser humano: não basta estar imerso num mundo de livros para aprender a ler. É necessário um ensino formal e a compreensão das ligações entre a linguagem oral e o sistema de escrita, que não são intuitivas. A sua aprendizagem envolve esforço. **Várias razões conspiram para que aprender a ler e a escrever seja difícil, sendo por isso frequentes as dificuldades.**

Apesar da frequência e da importância da análise das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita, não há nenhum estudo específico que aborde a prevalência destas dificuldades nos primeiros anos de escolaridade em Portugal. No entanto, existem alguns estudos internacionais, como o *Progress in International Reading Literacy Study* (PIRLS, IEA) e o *Programme for International Student Assessment* (PISA, OCDE), e nacionais (Ise et al., 2011; Vale, Sucena, & Viana, 2011) que permitem ter uma ideia sobre estas dificuldades em diferentes faixas etárias.

Desde 2011 que Portugal participa no **PIRLS**, um programa que avalia competências associadas à **compreensão da leitura de alunos do 4.º ano de escolaridade** oriundos de diversos países. Nos resultados de 2021, **25% dos estudantes portugueses situaram-se num nível baixo de desempenho**, evidenciando competências apenas para compreender textos simples, tanto literários como informativos. A percentagem é superior às registadas em 2016 e 2011 (20% e 16%, respetivamente), posicionando Portugal em 22.º lugar no conjunto de países participantes. O desempenho dos estudantes nacionais em 2022 é

comparável ao obtido em Espanha e na Eslovénia, distanciando-se dos resultados dos alunos dos países do Sudeste Asiático, da Federação Russa, de Inglaterra e Suécia.

Os resultados demonstram que as dificuldades de leitura envolvem uma constelação de fatores que vão além da complexidade do código ortográfico. Isto é, da consistência / inconsistência com que a palavra escrita representa a palavra falada. Por exemplo, o Português Europeu mostra algumas inconsistências: o som /s/ (como em sapo) pode ser escrito com recurso a vários grafemas, como ilustrado na palavra "**S**U**C**E**SS**O"; o grafema <*o*> pode corresponder a fonemas diferentes como em "B**O**CA", "T**O**CA" e "C**O**MER". São inconsistências que tornam o código ortográfico Português mais complexo do que outras ortografias em que a relação letra-som é biunívoca ou transparente como, por exemplo, o espanhol.

Os estudos científicos sugerem que as dificuldades na aprendizagem da leitura dependem largamente do grau da complexidade do código ortográfico em que se aprende a ler e a escrever (Seymour, Aro, & Erskine, 2003), embora se observe no PIRLS uma percentagem de alunos com dificuldades de leitura superior em países com menor complexidade ortográfica, como em Espanha, comparativamente a países com maior complexidade ortográfica, como no Reino Unido ou na Holanda.

Estes resultados sugerem que **as dificuldades reveladas por alunos do 4.º ano parecem já não estar tão dependentes das características do código ortográfico, associando-se provavelmente a outros fatores**. Sejam fatores **intrínsecos à criança** (cognitivos, emocionais, motivacionais e comportamentais), **ou extrínsecos** (meio socioeconómico ou qualidade da instrução de leitura). Note-se que há muitas indicações de que o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento linguístico, senão também o desenvolvimento emocional e motivacional, dependem do meio socioeconómico e da qualidade da educação pré-escolar e escolar.

O desempenho de Portugal no PIRLS 2021 aproxima-se do observado em 2022 no **PISA** no domínio da leitura. **30% dos jovens de 15 anos apresentam níveis elementares de competências de leitura**. **A convergência dos resultados entre os programas PIRLS e PISA mostra que devemos dedicar uma atenção particular às dificuldades de leitura desde o início da escolaridade.** Nenhuma criança se torna um leitor com dificuldades aos 15 anos, salvo situações altamente excecionais, como em caso de lesão cerebral.

Enquanto os resultados dos estudos PIRLS e PISA refletem uma avaliação direta do desempenho dos alunos, um estudo conduzido por Ise e colaboradores (Ise et al., 2011) recorreu a professores de seis países europeus – Alemanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria e Portugal – para fazer um levantamento da proporção de maus leitores em turmas do 3.º ano e do 6.º ano do ensino básico. Portugal foi o segundo país com a maior percentagem de maus leitores no 3.º ano (21.1%) e no 6.º ano (27.7%), logo a seguir à Hungria (com 26.1 e 29.6%, respetivamente). **Cerca de 20% dos estudantes portugueses têm dificuldades no domínio da leitura, percentagem que se mantém relativamente constante ao longo do ensino básico.**

Leituras Sugeridas

- Castles, A., Rastle, K., & Nation, K. (2018). Ending the Reading Wars: Reading Acquisition from Novice to Expert. *Psychological* Science *in the Public Interest*, *19*(1), 5-51. doi: 10.1177/1529100618772271

- Vale, A. P., Sucena, A., & Viana, F. (2011). Prevalência da dislexia entre crianças do 1.º ciclo do ensino básico falantes do Português Europeu [Prevalence of dyslexia among children from first-to-fourth grades in the European-Portuguese orthography]. *Revista Lusófona de Educação*, *18* (december), 45-56.

Ler também

APRENDER – Irregularidades do código ortográfico português

APRENDER – Métodos fónicos